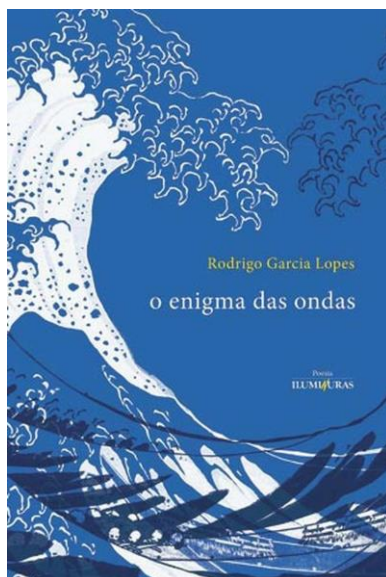


**LOPES, Rodrigo Garcia. *O enigma das ondas*. São Paulo: Iluminuras, 2020, 152 p.**

Aurora Bernardini<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo



Fonte: Divulgação

Conheço Rodrigo Garcia Lopes desde *O Trovador* de 2014, romance policial cativante e surpreendente (tratava, entre outras, da “colonização” de Londrina e implicava... a corte britânica!). Acho que foi por isso que, sem reler seu e-mail e pensando em *O Trovador*, achei que este *O enigma das ondas*, que ele me enviou, seria um romance. Mas era uma coletânea de poemas. Num romance – à parte a estilização que é condição *sine qua non* de qualquer obra literária – o que importa é a trama. Mas, numa coletânea de poemas como essa, o que seria?

Comecei apreciando o léxico, a palavra precisa, e o andamento variado, conforme o ritmo que cada poema exigia. Depois, as estruturas mais complexas, como a tritina, a sestina, a canzone provençal, a cantiga, o epigrama, o soneto, denotando a técnica consumada e a sutil ferinidade do poeta, até que, chegada ao meio da coletânea e

---

<sup>1</sup> Escritora, pintora, tradutora. Possui doutorado em Letras (USP) e é professora titular da Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Letras Orientais (DLO), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade São Paulo (USP). E-mail: [bernaur2@yahoo.com.br](mailto:bernaur2@yahoo.com.br).

lendo *Selvageria* em batida de balada, percebi que a forma, para esse poeta, podia ser um meio de ajuste e de feroz ironia:

### **Selvageria**

No fim o desembargador era o chefão de uma milícia assassina  
E o incêndio na favela celebrado com uzis e buzinas.

Mais cadáveres encontrados na lama da barragem  
E o coronel torturador ganha mais uma homenagem.

Dois mil campos de futebol de floresta devastada por dia na Amazônia  
Uma multidão de jovens negros chacinados sem cerimônia.

O apresentador de TV integra um grupo neofascista  
E o chanceler acredita que a Terra Plana exista.

Uma horda de boçais pedindo sangue, destilando ódio,  
Freddy Krueger, Chucky e A Coisa disputando o pódio.

O ministro do Supremo mantém escravos em suas fazendas  
E o dono do grande jornal diz que a Verdade é uma lenda.

A quadrilha de empresários comemora em Paris os seus malfeitos  
E o general que diz que direitos humanos são para humanos direitos.

O pastor famoso que estupra garotinhas toda sexta-feira  
E a ministra que sequestra índios e vê o Demônio na goiabeira.

O chefe da Casa Civil metido com cárcere privado e necrofilia  
O grande herói nacional era um agente da CIA.

O bispo com malas cheias de dinheiro no heliporto do templo  
E o deputado assassino de gays saudado como exemplo.

Um filósofo ex-astrólogo porrinha tido como gênio, um chucro,  
E o Empresário do Ano vibra com mais uma tragédia: o que vier é lucro.

Uma gangue de canalhas, ignorantes e psicopatas no poder  
E a juíza cínica sorri pro inocente que ela acaba de foder.

Legiões de zumbis e desempregados pelas esquinas e parques  
No presídio superlotado rolam cabeças em mais um massacre.

Seis bilionários detém a mesma riqueza de 100 milhões de pessoas  
E o silêncio apavorante que nas ruas da noite ressoa.

Miseráveis em lixões em cenas de puro desespero  
O governador genocida que abate pobres de helicóptero.  
Um presidente que toca fogo no circo e exalta a tortura  
E a surpresa e o nojo de um povo com sua própria criatura.

Seria um filme de horror, puta que pariu,  
Não fosse só o Brasil.

E não só.

Fulminada, nesse ponto, por esse retrato cada vez mais terrivelmente fiel de nosso pobre Brasil de hoje, li e reli, com toda a atenção, os poemas de Rodrigo e, para minha grande surpresa, descobri em seu conjunto, uma trama que os configura e – para mim – os sustenta. Não é que eles se formam, se desenvolvem, se armam, explodem e se aplacam como uma grande onda?

Na sua fase ascendente as palavras, a língua, os sons mais diversos (inclusive o do caminhão do lixo: Maslov?) ondulam e se abrem na marola da realidade e a natureza passa a se interpor (“Eu canto na pausa dos pássaros” – diz a primeira tritina). Aí começam a formar-se os *eus*: **Breve história da solidão, Os 15 minutos de Andy Warhol, Paradoxo de Maximus...** Pound e os trapaceiros abrem as epígrafes que precedem os epigramas ou *short cuts* (o leitor não se preocupe, os termos técnicos são explicados no fim do livro – edição da *Iluminuras*): há as **Rimas pobres** e os lugares comuns, a musa e os poetas que abusam, Paul Valery e **Le son et le sens** e ... continuamos subindo. Mas, de repente, o que é isso?

### ***Revelação permanente***

*O poema é sempre*

*de esquerda.*

*Puxem pela memória.*

*Não só nasce como sempre*

*retorna*

*à margem esquerda da história.*

A vaga começa a espumar e a se eriçar na

## ***Janela Indiscreta***

*Em algum lugar perto deste hotel  
alguém desafia uma Aquarela Brasileira no saxofone.  
Longe, a espinha das serras azuis.  
Um avião decola de São José dos Pinhais  
rumo a Londres ou Londrina,  
cruza o céu cinza da cidade grande.  
Velha araucária espremida  
entre prédios espelhados.  
Na TV, mais uma delação premiada.  
Pessoas trabalhando ou nos celulares  
em cada uma dessas janelas, abelhas.  
Luzes se acendem, luzes se apagam.  
A tarde cai fria e depressa.  
Triste carne, triste Curitiba.*

E, aí vem a

## ***Delação premiada***

*Aqueles que falam, não sabem.  
Aqueles que sabem, não falam.  
Mas aqueles que calam: não sabem?  
E aqueles que falam, quem sabe?  
— Ele sabia de tudo.  
— E ficou mudo?  
— Entregou todo mundo.  
Aqueles que falam, falam por falar?  
E se aqueles que se calam  
falam menos do que deviam?  
E se aqueles que julgam  
mentem mais do que sabem?  
Todos falam, eu sei, ninguém ouve,  
você sabe, eles sabem  
muito bem o que calam  
ou não falam disso também.  
Enfim, nunca se falou tanto.  
Nunca se calou tanto, porém.  
Para toda maioria silenciosa  
há uma minoria tagarela.  
Falar é poder. Mas, e calar?  
Aqueles que falam  
sabem muito bem  
pois eles sempre calam alguém  
enquanto falam.*

Estamos nos aproximando da crista da grande onda e ali está, com o vírus de agora,

### ***Pandora***

*Pânico, pandemia, pandemônio:  
é o inimigo invisível, é o novo demônio,  
é a boca coberta por um pedaço de pano,  
é o humano reaprendendo a ser humano.  
É uma carreta de caixões pelas ruas de Turim,  
é o translúcido azul do céu de Pequim.  
É o papa rezando na São Pedro deserta,  
são as águas transparentes dos canais de Veneza.  
Parece que faz tanto tempo que tudo aconteceu,  
presos no labirinto com Minotauro e Teseu.  
Legiões de desempregados em Teerã, São Paulo, Paris.  
As calçadas de Guayaquil estão cheias de cadáveres.  
Estão pregando tapumes nas fachadas.  
Todas as fronteiras foram fechadas.  
Os médicos e coveiros estão exaustos.  
Os jornais nem noticiam mais o holocausto.  
São pilhas de corpos-números cobertos por um véu,  
São poemas que jamais sairão do papel.  
Os confinados batem panelas, invocam os magos,  
pumas invadem as avenidas de Santiago.  
É uma vida pulsando entre a pedra e a espada,  
é o prenúncio de uma economia global robotizada.  
São velórios e shoppings vazios, praias desertas,  
é o começo de um renascimento, é o fim de uma era.  
É o silêncio ensurdecador e o medo de morrer,  
é o tempo pra ler toda a obra de Shakespeare,  
é a chance de ser o maior experimento  
de controle social de todos os tempos.  
É um exército branco higienizando as cidades,  
é um planeta em quarentena por toda a eternidade.  
É um homem que saiu do isolamento e nunca mais foi visto,  
são fanáticos gritando O Vírus é o Anticristo.  
São anjos em polvorosa sobre os céus de Berlim,  
são amantes aprendendo a amar enfim.  
Já ninguém ouve o que os agonizantes urram,  
os metrô voltaram hoje a circular em Wuhan.  
É solidão compulsória, é um estado de sítio,  
são coiotes vagando livres por San Francisco,  
É uma flor desabrochando durante a tempestade  
(pois quando tudo acabar talvez seja tarde).  
É a solidão futurista da Times Square,  
é o suicida alcançando um revólver.  
São navios de cruzeiro proibidos de atracar,*

*são hospitais abarrotados em Milão, Rio, Dacar.  
Pássaros continuam voando, geleiras caindo,  
há um pôr do sol distante, solitário e lindo.  
É viver entre as paredes dos parênteses  
em reticências que se alongam como meses.  
É o mundo inteiro em stand-by,  
é o corpo lutando por ar.*

Depois da explosão de *Selvageria* ou do “Retrato do Brasil de Agora” (*Seria um filme de horror, puta que pariu,/Não fosse só o Brasil*) começa a vertente de descida. Os poemas vão se sucedendo, e voltam, aos poucos, à natureza

### ***Via Láctea***

*Noite de março insular.  
Úmidas rajadas  
de luz.  
Os vultos dos barcos  
brancos oscilam:  
pequeno arquipélago.  
Velho vento sul  
atrasa  
o relógio da igreja  
e alguém pensa  
enquanto pesca  
no mistério que há  
no silêncio.  
Pedaços de reboco da lua  
Despencam e ressoam no oceano.  
Os cães nativos sonham  
sob canoas emborcadas, lembram  
a lenta avalanche  
  
do crepúsculo.*

*Lagoas nas dunas agora:  
são olhos acesos.  
O coração, um bairro  
quieto.  
As ondas aqui  
se quebram ao revés,  
severas, tranquilas,  
e entre elas três ilhas escuras  
sob o sambaqui de estrelas.*

Aos poucos, também, as estações se sucedem, quase em haiku,

***Fábula de outono***

*Uma tarde um tigre  
caçou o sol de outono;  
Ele coube em sua pata  
mas o deixou fugir.  
O sol raiou bem cedo  
pelo bosque de cedros.  
Deixou o tigre  
raiado também.*

quase em traços pictóricos, como em

**Ground Swell, de Edward Hopper (1939)**

*Dia brilhante. Setembro.  
Tudo é branco  
ou azul.  
A brisa marinha retesa  
a vela do barco branco  
onde  
4 ou 5 jovens (um  
chapéu ou cabeça  
se insinua atrás da moça  
de braços)*

*Os bustos bronzeados  
dos 3 marinheiros imitam  
a madeira do mastro  
Acima, nuvens  
cirros  
parecem escovadas pelo vento  
do verão de 39  
repetem padrões*

*da cena abaixo:  
Todos estão absortos  
na boia de sino  
(verde escura,  
pesada, com  
sargaços)  
ondulando nas cavas,  
na telha azul do mar  
de Hopper.  
Hipnotizados,  
enquanto escutam  
sem dizer palavra  
o sino da boia  
sua música insistente  
ou talvez pressintam  
a tormenta que se arma  
(fora da tela)  
do outro lado do mar*

Já mais lentamente os poemas vão se aproximando do extraterrestre

### ***Rumo às estrelas***

*eles dançam na imensidão  
olham-se nos olhos  
os dois presos apenas  
pelo cordão umbilical  
do traje espacial  
eles sabem  
não tem mais certezas  
já não esperam ninguém  
muito longe agora  
muito longe  
da minúscula bola de gude azul*

*planetas dançam  
por toda parte  
em sua aparente*



*imobilidade  
sem gravidade  
longe muito longe da Terra  
as palavras que eles trocam  
boiam também no espaço  
ou quedam presa*

*na redoma da roupa  
mas não se tornam opacas  
fragmentos delas ocupam  
o espaço  
corpos celestes  
“desejar é cair das estrelas”  
“filho, deixe-me ir”  
eles flutuam  
não lutam mais  
apenas flutuam  
o próprio conceito de lar  
se perde no éter  
“ninguém responde mais aos nossos sinais”  
não sabem para onde vão  
rumo às estrelas  
eles flutuam  
num outro tempo  
sob a luz azul  
que emana deles mesmos  
o filho então solta o pai  
eles sabem  
a viagem mais para fora*

*é a viagem mais para dentro ele sabem  
para ser capaz de se encontrar  
antes é preciso saber  
ao redor  
e por toda parte  
aonde os olhos conseguem penetrar  
paz infinita*

*.  
.  
.  
.*

*Escuridão e silêncio*

Até, finalmente, retornarem, por outros ciclos-planetários, ao eterno, em

### ***O enigma das ondas***

*Que língua falam as ondas?  
Talvez, no fundo, nos sondem.*

*As ondas falam das ondas  
Em seu efêmero quando.  
Espiralando sob a luz do meio-dia  
de outono, nesse oscilante oceano,  
São legionários romanos, exaustos e pálidos,  
lutando contra exércitos de areia.  
Hóspedes do vento, monumentos momentâneos,  
filhas do imenso mar que é mãe de todo ser.  
Mar que é tempo, mais antigo que o tempo  
Mar que é a eternidade em movimento.  
Que diz a onda ciano no instante  
de ser brilho de vidro estilhaçante,  
ferindo ferozes os rochedos, virando  
recifes de sangue, flores de medo?  
Ou quando rodam redondas  
no cinema a céu aberto do agora,  
misturando, em seus sorrisos de Gioconda,  
maresia e sal, silêncio e memória.  
Falam de sonhos, impérios, naufrágios,  
Distâncias, desterros, destinos, do vento,  
Falam em frases frágeis cujos sentidos  
se desfazem no litoral do pensamento.  
Oceano, mare nostrum, desde quando?  
Desde que os primeiros olhos  
Ouviram seu louco esperanto  
de algas, restolhos, espantos.  
Pergunte a esses homens que estudam  
o suave suel, seu entresseio, as marés,  
que olham para o mar como a uma mulher  
e atendem pelo nome de Odisseu.  
Porque se repetem, sempre se repetem,  
bêbadas de formas, ideias, de lucidez.  
Porque estão em toda parte, como da primeira vez,  
pedindo a nossos olhos que infinitem.  
Que língua falam as ondas  
Quando estalam nas cristas  
Ou correm sobre si mesmas  
Como um zíper de água branca?  
Que idioma estão espumando,  
em que dialeto, gíria, grafitti,  
Dublando tanta brancura,  
Abrindo mão dos intérpretes?  
Que segredos escondem as ondas  
quando me acordam de noite  
do sonho onde não estive  
como num filme de detetive?  
Que língua rugem as ondas  
quando estão se quebrando?*

*Que fábulas, histórias e lendas  
Carregam em tantos estrondos?  
Ou enquanto chiam, sob a chuva,  
Ou mesmo quando parecem  
Salvas de canhões anunciando  
Um Waterloo invisível?  
Uma a uma na praia se aconchegam  
Como os versos de um poema cênico.  
Linha a linha, como aplausos, chegam  
Num misto de ternura e pânico.  
(Quebram porque estamos mudos.  
Quebram porque quando despencam  
é como se os sons dos sentidos*

*nascessem no mundo).  
Que dizem esses vocalizes fugazes  
vocábulos de sal e maresia  
em sua luminosa baba noturna,  
em sua esteira matutina?  
O que conversam com as nuvens  
quando, em calmaria, as copiam,  
ou com os surfistas que as toureiam  
em manobras que chapam e opiam?  
O que murmuram aos botos, gaivotas,  
quando triscam suas paredes verdes,  
espalhando seu spray ao vento,  
um segundo antes de morrerem?  
Sei que as ondas nos escutam (falando,  
sozinhos nas praias, cegos a seus acenos)  
há milhares e milhares de anos  
com uma paciência que não temos.  
Sei que sob a lua, exaustas, confessam,  
quando recuam, mudas, em poças,  
e cumprem sua líquida promessa:  
A língua que falam é a nossa.*

ele sabem  
para ser capaz de se encontrar  
antes é preciso saber  
ao redor  
e por toda parte  
aonde os olhos conseguem penetrar  
paz infinita

.  
. .  
. .  
. .

Escuridão e

se perder

ele sabem  
para ser capaz de se encontrar  
antes é preciso saber  
se perder

ele sabem  
para ser capaz de se encontrar  
antes é preciso saber  
se perder

Até finalmente retornarem, por outros ciclos-planetários, em **O enigma das ondas**, ao eterno.

...

*Sei que as ondas nos escutam (falando,  
sozinhos nas praias, cegos a seus acenos)  
há milhares e milhares de anos  
com uma paciência que não temos.  
Sei que sob a lua, exaustas, confessam,  
quando recuam, mudas, em poças,  
e cumprem sua líquida promessa:  
A língua que falam é a nossa.*